

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 370 rs.
 BRAZIL, (moeda. forte) e Africa oriental anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO SUBSCRIÇÃO

Está aberta n'esta redacção a subscrição para a lapide que se ha-de collocar sobre a sepultura do operario e livre pensador Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, enterrado civilmente, no dia 30 de setembro de 1883, na estrada que conduz ao recinto do cemiterio, e a quem as autoridades de Aveiro negaram sepultura d'entro do cemiterio publico.

Transporte	36\$530
João Simões Peixinho . . .	1\$000
José Gonçalves Moreira . .	500
Anonymo	1\$000
Tricana	1\$200
Manoel Nunes Ferreira . . .	500
Trito	300
Anselmo Xavier	1\$000
Maria L. G.	500

Somma 42\$530

(Continua)

Homens Monarchicos e Homens Republicanos.

Em politica, os homens discutem-se quando são indiscutíveis as edéas. O ultimo reducto d'um polemista, que se não pôde sustentar no campo dos principios, é a apreciação dos representantes d'estes na pratica. Mal, porém, do que concorda no valor das edéas e não concorda no valor dos homens, porque, quando mais não seja, podemos-lhe dizer que se elle entende que as edéas

são admiraveis e apesar d'isso as não professa, que, sendo as edéas que guiam os homens e não os homens que guiam as edéas, elle não abraçando aquellas por negar estes, é um egoista, um vaidoso, um irracivel, um criminoso, até indigno da sociedade em que vive.

Os realistas teem usado contra nos de varios meios de combate. Primeiro, concordavam na excellencia do programma republicano, mas apenas em theoria. Debalde lhe diziamos que o dito programma se executava perfeitamente, sem attrictos de nenhuma especie, na Suissa e em todas as republicas da America. Respondiam-nos que esses paizes haviam sido sempre republicanos, que não tinham tradições monarchicas e que as suas circumstancias eram, pois, muito differentes das nossas.

Esse argumento cahiu na lama com a proclamação da republica em França, que, não obstante os preconceitos monarchicos que a invadiam, se governa admiravelmente ha treze annos sob o regimen democratico. E lá se foi por agua abaixo o ridiculo pretexto da incompatibilidade entre a theoria e a pratica, da qual todos os conservadores lançam mão para deter a marcha do progresso.

Não conheço reforma alguma politica, social ou administrativa, que não hajam accusado de impossivel na pratica.

De maneira que bastava isso para me convencer, se por outra forma me não tivesse convencido já, de que não ha reforma inca-

paz de ser applicada ás necessidades locais.

Posta de lado esta tolice, agarraram-se ao papão iberico, que ainda lhes serve algum tanto d'espantinho. A'qui d'el-rei, berravam, contra a republica, que seria a perda da nossa independencias.

Nem sequer se lembravam, os imbecis, de que a questão iberica se prende intimamente com a historia dos monarchas portuguezes, os quaes nunca deixaram de tramar contra a nacionalidade portugueza. Quem leu a historia, porque ha muito quem falle n'ella sem nunca a ter lido, sabe que a união de Portugal á Hespanha entrou sempre no espirito de todos os reis portuguezes como um sonho dourado e querido, uma das suas ambições mais renitentes. Se alguma vez combateram ao lado do povo contra os nossos vizinhos, não foi pela independencia d'esta terra, foi pela sua corôa ameaçada.

Não se importavam que a união iberica fosse um facto, contando que elles engissem a corôa de imperadores da Iberia; o que se importavam é que essa corôa, em lugar de estar na cabeça d'elles, estivesse na cabeça dos reis de Hespanha.

Emfim os berradores tiveram de se calar, não de todo ainda assim porque lá veem com a sua piada sobre a asneira de longe a longe, quando souberam que o sr. D. Luiz escrevia cartas a Napoleão III pedindo-lhe que o auxiliasse a estabelecer a união iberica, e quando viram que o povo ia comprehendendo que a

Republica, em lugar de attentar contra a independencia patria, poderia ser o seu maior esteio, visto que n'uma federação penninsular, reclamada hoje por todos os hespanhoes, Portugal ficaria com grande preponderancia por ser o mais forte dos estados federados.

Por ultimo veio a questão dos homens. Arrumadas as outras, em que os nossos argumentos triumpharam por consenso quasi unanime dos srs. monarchicos, inventou-se a mais insignificante de todas.

—Sim, senhores, diziam-nos, em tudo tendes razão. Na essencia, nada mais temos a dizer contra a Republica. Porém o que falta agora saber é quaes são os homens de que dispondes para fundar esse governo. Os homens, os homens? Venham os homens e lancemos mãos á obra. Mas que é dos vossos homens?

E atiravam-se por aqui fora n'um estendal d'asneiras.

Ora a presente lista eleitoral forneceu-me occasião de fallar nos nossos homens e de fallar nos homens d'elles. Os homens d'elles! Quem são os homens d'elles, pergunto eu agora? Os que tantas vezes nos perguntavam pelos nossos, deviam ter em casa um arsenal de *talentaços* para nos arremessar ás bochechas, se um dia tivéssemos a velleidade de lhe fazer pergunta identica. Quem são os vossos homens, oh figurões? Os leitores querem conhecê-los? Vamos procura-los ás listas eleitoraes.

Cá está um:—Theophilo Ferreira. Principia na ignorancia e

acaba na immundicie. Nem tem talento, nem saber, nem honestidade. E' um ambicioso vulgar, um erapuloso cheio de vícios. Dos dinheiros do povo fez vehiculos do vicio; da casa popular fez um serralho.

Outro:—Antonio Ignacio da Fonseca. Chamam-lhe a viuva Peres e está definido.

O Peres foi um negociante que o teve por caixeiro. Um boçal, um immoral.

Joaquim José Alves é um doutor de bôrra, in absentia. Talvez bom homem, mas incapaz de occupar um lugar publico.

Visconde d'Arriaga:—um grande ignorante, que faz rir as galerias da camara a bandeiras despregadas quando se lembra de proferir um discurso. Accusam-no de ter praticado em Africa actos criminosos.

Rosa Araujo:—homem da especie Valle Guimarães. Pastelero que sabe de pasteis. E segue Estrella Braga, Visconde de Carriço, Seixas etc., uma troupe sem intelligencia nem illustração.

E os nossos? Quereis saber quem são os nossos? Eis-los:

Silva Lisboa, industrial e jornalista de valor; Mattoso dos Santos, bellissimo talento que se glorifica na erdeira de lente da Escola Polytechnica; Teixeira de Queiroz, o brilhante romancista que se esconde sob o pseudonymo de Bento Moreno, escriptor de primeira plana, homem de sciencia, medico; Theophilo Braga, o erudito, o sabio, uma das glorias d'esta terra; Elias Garcia, parlamentar distincto, lente da escola do exercito; Consiglieri

(6) Folhetim

A. RANC

HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

I

Ao Senhor Fonché (1)

Isto vai bem, sr. Fonché. Convencer-vos-heis depressa de que não fizestes mal em confiar no velho Jacotin, o desvaído, como me chamava Savary. Sim, o duque de Rovigo, que imaginou fazer a policia de Paris com antigos gendarmes, denominou-me um velho desvaído. Ah! causa raiva ser tratado assim por um homem que não comprehende que os seus gendarmes «d'élite», muito bons nos campos e nas praças, são incapazes de fazer coisa geitosa em Paris. Eis a recompensa de eu ter preadido Malet no estado maior!

Não caírei n'outra. Eu é que salvei o imperio, senhor. Elles andavam todos com a cabeça perdida, e se eu não tivesse reconhecido o general in tudo por agua abaixo. Quereis que vos diga a verdade? E'tou muito arrependido de me ter deixado arrastar pelo primeiro impulso, que é sempre mau. Mas o

(1) Fonché, ex-ministro da policia, conservou a relação dos seus antigos agentes, bem como a correspondencia secreta que mantivera com Napoleão. Quando Berthier, Réal e Dubois se lhe apresentaram para sellar os papéis, Fonché respondeu-lhe tranquillamente que tinha queimado as cartas do imperador. Berthier e os seus companheiros objecta-

ram-lhe que Napoleão não ficaria contente. Fonché respondeu-lhes com uma gargalhada e despediu-os dizendo:

«Essa correspondencia seria a minha unica garantia, se eu a tivesse, e não a daria a ninguém. Ide dizer a Napoleão que durmo ha vinte annos com a cabeça no cadafalso e que não tenho medo d'elle porque elle só mette medo aos imbecis.»

Fonché foi na verdade respeitado.

Se os conspiradores soubessem bem do seu officio, se seguissem em linha recta o seu caminho, não errariam o golpe na maioria dos casos. Mas tomam um montão de precauções inuteis, que os perdem. A policia estende-lhes o laço e elles, em lugar de caminharem na frente, desviam-se a procurarem o laço. Julgamos então que somos muito finos; não, os conspiradores é que são tolos.

Não me quero referir a Malet, cujos trabalhos admiro, e que se não venceu foi, (sejamos francos), por me encontrar no estado maior general quando ia a dar o golpe. Todavia, o seu plano tinha um defeito, que descobri estudando-o de perto. Se me tivesse mostrado o projecto, et indicá-lhe-hia o lado fraco. Mas sou um imbecil general não podia tomar-me por confidante. Porque era eu o encarregado de o vigiar.

Nunca me consolarei, senhor, de ser um simples policia, porque se não fosse policia seria conspirador. Foi sempre a minha ambição, o sonho da minha vida. Já no tempo de Georges tentei convosco um plano de conspiração e demonstrámos ao sr. Réal a sua nullidade. Não me quero intrometer nos vossos negocios, sr. Fonché, mas se vos resolverdes a fazer alguma partida a Rovigo contae com o pae Jacotin. E mostrarei ao Savary se sou um velho desvaído ou que sou! E vamos agora ao relatório.

Apenas Boulard me transmitiu as vossas instruções, chefei de espiar o ministerio Desmarests, o chefe de divisão, ainda dirige oficialmente a policia. Rovigo, porem, não tem confiança n'elle, porque organisou um serviço particular em correspondencia directa com o gabinete, o qual é dirigido por Degrange. Ah! o que eu queria é que fosse este Degrange o encarregado de vigiar Malet e então veríamos em que as cousas paravam!

Enchem a bocca com Degrange, que vê tudo, prevê tudo e advinha tudo; com Degran-

ge que tem faro de cão de raça e vista d'agua. Veremos isso em breve, quando o pae Jacotin entrar no jogo e lhe brralhar as cartas.

Ha tres dias avisaram-me de que um dos homens de Degrange tinha tomado um logar na mala de Bordeaux. Cheguei d'um salto á rua Platrière e comprei um bilhete de coupé. A's oito horas sahimos de Paris. Degrange lá ia no fundo do carro com o nariz no ar e os olhos piscos. Cheira de loure a policia. Comecei a fallar comigo sem desconfiança, porque nunca me viu. Enquanto elle dizia asneiras ia eu estudando o meu outro companheiro de viagem, uma especie de gendarme que não dizia palavra. Parece que não conhecia Degrange, o que não quer dizer nada.

Dizia de mim para mim:—Já vi algures este homem, conheço aquelles olhos de expressão tão singular, olhos pardos claros, quasi azues. A pelle é clara, mas a barba e os cabelos são negros. O tratante disfarça-se; a barba é loura, os cabelos também. Por alli anda pintura. Vejámos mais: typo d'official á paisana, casaco comprido, fita da legião de honra no casaco. Isto nada me indica. Onde diabo vi eu esta cara? Procuremos-lhe signaes particulares.

Não os tem. Ah! engano-me. Não reparei na face esquerda e lá está um signal cor de de borra de vinho com tres cabellos, um vermelho e dois louros. Reconheço esses tres cabellos e sei a quem pertencem. O figurão não se sabe disfarçar; deixon os tres cabellos que eu reconheceria entre dez mil.

Advinha quem é o sujeito, sr. Fonché. Quem é o meu companheiro de viagem. Não sois capaz, é verdade? Pois é Méhu, o grande Méhu, o bandido do Méhu em tempos vosso agente em Inglaterra e Munich. Méhu, emfim, que intrujou tão bem o sr. Drake, ministro que intrujou tão bem o sr. Drake, ministro que intrujou tão bem o sr. Drake, ministro porque o sabies capaz de tudo.

Não nos enganemos. Méhu não tem honra,

nem dignidade, mas não é um insignificante. Vamo-nos divertir, porque não foi por acaso que Méhu e Degrange se encontraram com o pae Jacotin no mesmo caminho. O acaso é um grande rãto, mas não faz só por si cousas d'estas.

O que não comprehendo é o motivo porque este sacrificante anda mettido por aqui. Não acredito que proceda em harmonia com Degrange. Méhu é muito vaidoso para aceitar um tutor. Por conseguinte um d'elles espia o outro. Qual d'elles é? Por conta de quem trabalha Méhu? Por conta de Desmarests, que pode estar de mal com o ministro? Não me parece. Desmarests não é capaz de se atrever a tanto. Por conta dos realistas? Não. Méhu vende-os muitas vezes. Oh, lá! Oh, lá! E' bem possível que seja por conta do ministro da guerra. Quando o imperador voltou da Russia, Rovigo e Feltre jogaram as cristas, procurando cada um d'elles pôr o outro na rua. Essa guerra pequenina deve continuar. Julgo que dei com o fio da meada. Que vos parece sr. Fonché?

Vou estudar essa edéa, que me parece a mais provavel. E ficae descansado, que andarei com os olhos abertos. Não serão o grande Méhu, nem o pequeno Degrange que enganarão o pae Jacotin, dito Pipette.

Chegámos a Poitiers sem difficuldades. Installei-me no hotel Trois Piliers com os meus companheiros, que me julgam negociante. Tenho-os a mão.

Até breve, senhor, e acreditee na dedicacão e no affecto do vosso admirador respeitoso.

Jacotin Pipette

(Continua).

Pedroso, grande illustração, notabilissimo orador, professor distincto do curso superior de letras; Latino Coelho, grandissimo espirito, astro fulgurante na litteratura portugueza, um dos mais extraordinarios talentos do paiz; Luiz Manuel da Costa, um dos primeiros capitalistas de Lisboa, homem honesto e serio; Manuel d'Arriaga, o tribuno querido do povo, o juriconsulto habilissimo.

Que mais quereis, energumenos? Ahi tendes os candidatos a vereadores effectivos e a procuradores da junta geral em Lisboa. Se percorrermos os nomes dos substitutos entre elles encontraremos os de Santos Crespo, joven medico de grande honestidade e valor; Justino Guedes, operario de subido merecimento, o que em Portugal mais tem desenvolvido a lithographia; Xavier da Silva, um caracter soberbo, alma cheia de crenças, espirito cheio d'edêas; Lopes Monteiro, medico distincto como Rodrigues dos Santos etc. E se nos virarmos para o Porto? Que dizeis de Rodrigues de Freitas, o grande parlamentar; de Oliveira Martins, o grande escriptor; do illustre Alves da Veiga; dos talentosos medicos Julio de Mattos e Corrêa de Pinho, lente da escola medica; de Marques Marinho, de Bessa Carvalho etc.?

Calae-vos por vergonha, energumenos.

Ahi ficam os nossos homens e ali ficam os vossos.

O publico que julgue.

Antonio de Castro.

A Crise

Mais uma palhaçada constitucional! Sua magestade el-rei dignou-se remendar de neve o seu já muito remendado ministerio, tão remendado que se desfarrá inevitavelmente se lhe pegarmos por uma ponta. Sem nos incommodarem os remendos da caranguejola monarchica, que morrerá da cura se não morrer da molestia, sempre diremos alguma cousa a tal respeito.

Em primeiro lugar, orei procedeu, como costuma, inconstitucionalmente. Qual foi a indicação parlamentar que o guiou? Nenhuma. Estavam as camaras fechadas; sua magestade attendeu, pois, unicamente á sua vontade absoluta. E' a quinta vez que o chefe do estado recompõe este ministerio regenerador. Cinco vezes em dois annos que o sr. D. Luiz procede como verdadeiro rei absoluto! Cinco vezes, em dois annos, que tem imperado o arbitrio na reorganisação do poder executivo! Que mais querem os leitores para julgar a monarchia?

E' um regimen nefasto, onde a vontade do rei vale tudo e a vontade do povo não vale nada. Apesar da camara dos deputados não ser a expressão politica e administrativa do paiz, para interesse da propria monarchia seria bom que demonstrasse por ella um certo respeito, que soubesse representar com habilidade a farça parlamentar.

Mas a gente realenga nem ao menos sabe ser hypocrita. Perdeu a vergonha e o decôro. Já se não incommoda com o naufragio do barco.

Por este lado, tem, por con-

seguinte, a crise a vantagem de mais uma vez provar ao paiz a arbitrariedade e o despotismo do rei, o qual negou aos progressistas uma só recomposição e concedeu cinco aos regeneradores no curto prazo de dois annos. Isto é, faz o que lhe apraz e nós gostamos.

Por outro lado, deu-nos outra vez o valor dos bandos realistas.

A patrulha constituinte já está de mãos dadas com a troupe regeneradora. O sr. Pinheiro Chagas, esse trampolheiro politico, esse saltimbanco que tão triste figura tem feito na vida publica, esse homem que tanto atacou os regeneradores, insultando-os até, entra agora no poder de braço dado com os *bandidos* d'outrora. Que dignidade tem esse individuo que abraça os que enlameou com vituperios justificados, e que dignidade tem elles para lhe admittir os abraços? Com que autoridade se quer impor esse homem ao paiz, elle que alcunhou de traficantes os seus collegas actuaes?

No que toca aos membros restantes da patrulha, o seu procedimento é tão censuravel como o do sr. Pinheiro Chagas. Andaram por ahi a apregoar liberalismos para se virem a fundir com os conservadores. Queriam reformas radicaes e o diabo a quatro; e afinal tornaram-se solidarios na politica dos conservadores, que censuraram. São indignos, concordemos.

O que elles queriam era encher a barriga. Andavam esfomeados e por isso atiraram-se soffregos á primeira posta que encontraram.

Deus os guie por onde vão, que vão bem. Entretanto o povo reconhecerá de todo a justiça das nossas reclamações republicanas. No meio de tantas podridões, de tantas incoherencias e miserias o povo convencer-se-ha completamente de que a Republica é o ultimo recurso.

Que funde a Republica, se quer entrar no bom caminho.

A grande romaria de Nossa Senhora do Rosario entre Aveiro e Coimbra.

Deve hoje ter lugar a romaria-procição - comboio - espalhafato da predita Senhora do Rosario. Esta milagrosa Senhora é a mesma Senhora de mais titulos, que corre mundo sob outras invocações, mas distingue-se de si mesma em ter um rosario nas mãos, porque quando por exemplo tem um navio é a Senhora dos Navegantes, e não sei bem se quando tem uma candeia é a Nossa Senhora das Candeias.

O exm.º bispo de Coimbra, que para nobliarchia perante Deus, usa do titulo de *Conde de Arganil*, o que lhe dá directo no céu a uma cadeira estofada, e que na terra veste os arminhos de *par* e que portanto em virtude da carta constitucional tem o tractamento de *digno*, o bispo de Coimbra que materialmente considerado é um *grande homem*, lembrou-se de brindar a minha terra com uma festa solemne em que, segundo vejo do respectivo programma, os povos de Aveiro, tendo perdido a autonomia da sua antiga diocese, se contentarão pela clausula segunda do mesmo programma em ver os *meninos orfãos*, creio que a cavallo.

Não nos promettem mosquitos por cordas, mas se os povos exigirem isso, não faltará essa parte do espectáculo.

Mal diria Stephenson quando inventou a locomotiva que ella ainda havia de servir para estas expedições de conegos obesos, e de provedores d'ir-

mandades tabaqueando-se ruidosamente com o estrondo do Niagara!

A igreja tem esta habilitade: mal diz o progresso e aproveita-se dos descobrimentos, que não procreou.

Como diziamos, s. ex.º o bispo de Coimbra para acabar de conquistar o animo dos aveirenses inventou esta romaria.

A mim é que elle me não conquistou!

Eu não tenho rasão nenhuma particular de desgosto contra s. ex.º. Tenho até por elle consideração e respeito. Não sou dos que para *bem da causa* queimam girandolas de injurias sobre pessoas adornadas de virtudes. Amigo de fazer justiça ás qualidades distinctas, que exornam caracteres de bom quilate, eu não posso deixar de reconhecer no exm.º bispo um homem que deve a si proprio a alta posição que occupa; e se tractarmos de ver qual o motivo da poderosa influencia, que disfructa, havemos necessariamente de encontral-o nos favores que tenha semeado em torno de si e no prestimo que tenha revelado.

Não se tracta disso porem. Tracta-se mas é de criticar a supressão da diocese d'Aveiro e de verberar a ostentação do clero.

S. ex.º, sendo nativo do Districto de Aveiro, diz-se por aqui, assevera-se constantemente, e ainda ninguem o desmentio votou a favor da extincção da diocese.

Coriolano auctorisa este procedimento na historia civil das nações, mas a igreja não se regula pelos preceitos da vaidade ou por mesquinhas considerações terrenas. Visa mais alto, recebe o influxo divino dos perfumes mais depurados da moral inventada pelo homem, e dizem até os theologos que a revelação lhe abre as amplas estradas subteis por onde os bispos devem conduzir os rebanhos, pastoreando-os com o baculo, exactamente como os zagaes nos montes fronteiros a Coimbra, ou Melibeu e Tityro nas eclogas de Virgilio Marão.

Se o Exm.º Bispo estava persuadido da vantagem da supressão das dioceses periclitantes ou se pensou no arredondamento da sua para melhora de interesses, e porque crescia a sua importancia de pastor, isso não sei eu destrinçar.

O que sei apenas é que o Arcebispo d'Evora, santa, santissima creatura que é a honra da igreja, e uma gloria da humanidade, votou contra a extincção das dioceses, comprometteu-se a vir ser bispo de Aveiro resignando a sua valiosa Archidiocese, só para que se não prejudicasse o povo do districto onde nascera.

O exm.º bispo de Coimbra precisou d'um palacio em Sant'Anna em que se gastaram trinta e tantos contos, tem uns paços velhos em Coimbra, tem agora uns outros em Leiria, e para visitar Aveiro requisitou do governo uma casa, que custará cinco a seis contos de reis. Se amanhã se lembrasse de visitar Arada, S. Bernardo, e a Quinta do Gato, naturalmente havia de pedir que o governo lhe desse uma casa confortável em cada uma d'estas aldeias.

O povo é bom que saiba isto, e que não confunda o azedume de algumas expressões minhas com o desacato pela religião, porque já Manuel Bernardes dizia sentenciosamente que:

Na igreja primitiva os calices eram de pau, mas os Sacerdotes d'ouro; agora os calices são de ouro mas muitos Sacerdotes são de pau.

A dois passos de Aveiro fica Ilhavo, é ali que reside alguns mezes do anno o Reverendissimo Arcebispo de Evora.

Os senhores bispos de Portugal tem ali que aprender. A extrema caridade, e a extrema humildade são as duas virtudes, que, de preferencia, adornam aquelle velhinho sympathico, em cuja vida se não aponta um senão, e que os pobres bendizem nas suas preces quotidianas, porque elle é semelhante ao trigo sem joio, e ao sol sem mancha.

A casa que habita não a ha mais modesta. É uma casa terrea de paredes nuas, mal mobilada com umas singelas cadeiras e um sofá de mógo. Entra-se ali como se entra n'uma igreja. Eu que tive sempre repugnancia em beijar a mão aos reis, porque aquelle preito só o tributo a meus paes e a meus tios, nenhum escrúpulo tive em o prestar aquelle velhinho, que me levantava nos braços, e me sibilava aos ouvidos umas palavras doces e agradaveis.

A romaria, que hoje deve ter lugar, economicamente considerada, é um incremento para o commercio; ficam aqui alguns contos de reis e isso não é indifferente. O bispo de Coimbra, podia ir fazer a festa a outra terra. A predilecção por Aveiro é o que n'este caso lhe agradecemos.

Entretanto atraz dos effectos economicos estão os effectos moraes de educação do povo. Cautela não se faça d'isto um ninho de corujas. Tenho muito medo dos captadores de heranças, dos confesores intromettidos, e emfim dos jesuitas, e o que eu sinceramente desejo é que me não convertam Aveiro n'uma outra Braga.

Quando fallámos contra a extincção da diocese d'Aveiro punimos pela força e poderio da igreja. Os radicaes diriam justamente o avêso, mas é que eu acima de tudo sou aveirense, e depois a proposito da supressão do bispado eu tenho já umas queixas particulares a expandir.

Vou casar, o que é uma tolice, e casar pobre, o que é uma tolice maior, e as *authenticas*, que aqui custavam d'antes 240 reis, custam presentemente perto de dois mil reis!

Em conclusão: a extincção do bispado acabou com quatro ou cinco empregos valiosos, acabou com o professorado do seminario, e deu um corte profundo nos interesses da minha terra.

O que lucrou o estado? O que lucra a igreja? O que lucra o povo?

Quem lucrou foram os republicanos. Neste sentido *O Povo d'Aveiro*, deve erguer as mãos ao céu.

Mello Freitas.

PROTESTOS

Foram tantos os protestos que recebemos contra o acto infamissimo das autoridades d'Aveiro, que nos é impossivel publical-os a todos. Os seus autores comprehenderão o espaço enorme que tirariam ao nosso jornal, de pequenas dimensões. Pedimos, pois, a todos que nos desculpem a sua omissão necessaria, e encerramos hoje esta secção com os que seguem.

Os operarios d'Aveiro, vendo-se ofendidos por a auctoridade administrativa, sobem á tribuna da imprensa, para verberar a maneira arbitraria e despotica como procedeu no enterramento do cadaver do mallogrado—Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado—, dando-lhe para ultima morada a entrada do cemiterio publico, e não a do recinto destinado e construido para os mortos!

Os cortejos funebres fazem-se como o finado determina, (com acompanhamento de padres ou sem elles); ou, quando este se esqueceu, então compre-se a vontade da sua familia; mas a valla é *commum*.

Logo, o sr. administrador do concelho desprezou o que ha muito tempo está determinado nas leis do paiz, offendeu os sacrosantos direitos da liberdade, cuspiu nas faces da classe operaria e insultou a cidade d'Aveiro, que tanto o tem tolerado.

E para tão grandes abusos, pedimos um só castigo:—a demissão do *leigo* legislador.

Por tão grandes razões, obrigados por a voz da consciencia e por o impulso das nossas convicções franca e eternamente republicanas, deixamos aqui o nosso vehemente protesto mandando ao sr. ministro do reino o clamor da indignação, pedindo justiça.

Um filho do trabalho.

Cidadão redactor.

Envio-lhe a quantia de 300 reis, para auxilio da lapide que se ha-de collocar sobre a sepultura do nosso infeliz, mas-honrado correligionario, Jeronymo Salgado, a quem as autoridades de Aveiro mandaram enterrar fora do recinto do cemiterio, n'um caminho, como se fosse um animal irracional que se afira para o monturo, e para mais, *as occultas e escoltado por quatro policias*.

Miseraveis e indecentes!

Miseraveis, porque violaram o que ha de mais sagrado—a lei;—e inde-

centes, porque não tiveram coragem para a desprezar perante o povo.

D'aqui lhe envio o meu vehemente protesto contra essa cafila de jesuitas, levantando um brado aos nossos valentes correligionarios d'Aveiro e d'outras terras, que tem sabido protestar contra esse affrontoso escandalo, não olvidando o exm.º sr. dr. Magalhães Lima, que tão dignamente desaffrontou a memoria do seu infeliz e rreligionario.

Vão, senhores da monarchia, pizano aos pés a *canalha*, mas tomem cuidado não se levante ella algum dia e vos pague estes insultos.

Fóra com essas auctoridades, que protegem os jesuitas.

Viva o partido democratico portuguez!

Guerra á *Carolada*.

Lisboa, 26 d'outubro de 1883.

Trito.

As auctoridades de Aveiro e a imprensa.

Continuam as manifestações da imprensa do paiz a verberar o acto *jesuitico* das auctoridades d'Aveiro. A exiguidade do nosso semanario, impede a transcripção das levantadas opinões dos nossos esclarecidos collegas. Por isso, mui resumidamente apresentaremos os principaes trechos do *Imparcial*, de Guimarães, da *Justiça Portuguesa* e *Diario Nacional*, do Porto.

O *Imparcial* no n.º 1:011 diz o seguinte:

Attentado contra a liberdade.—Em Aveiro morreu um operario, deixando declaração expressa de que o seu corpo fosse enterrado civilmente.

A lei que autorisa os baptisados e casamentos civis, permite egualmente os enterros; mas o administrador d'Aveiro, em vez de se dirigir pelas indicações da lei ordenou que o cadaver, acompanhado de quatro policias, fosse enterrado ás occultas. E o cadaver foi sepultado em um caminho!

Custa a crer, mas é verdade.

Ou o administrador d'Aveiro ignora a legislação ou não a percebe: se a ignora não pode exercer o seu cargo: se a não percebe não pode ser administrador. Logo o administrador d'Aveiro é uma auctoridade desautorizada pela logica.

A Logica, pois, pede a demissão da auctoridade que não sabe exercer o seu cargo, e as leis do paiz pedem a punição do administrador que attentou contra a liberdade e que violou a legislação, que regula o caso do infeliz operario fallecido em Aveiro.

O mesmo jornal no seu n.º 1:012 transcreve a portaria de 24 de janeiro de 1878, faz magnificos commentarios sobre alguns considerandos da portaria que o administrador substituto d'este concelho transgrediu, e fecha o seu consuetudo artigo com os seguintes periodos:

«Em vista, pois, do procedimento do administrador d'Aveiro, o governo não pode nem deve, por dignidade sua, conservar esta auctoridade, sem incorrer nas mesmas penas.

E' urgente, pois, a demissão da auctoridade que violou as leis e que não está á altura de desempenhar o cargo que lhe foi confiado.»

O *Diario Nacional* refere-se ás numerosissimas adhesões:

A attitudo do *Povo de Aveiro* na questão do desacato, commettido por uma auctoridade, no enterramento de Jeronymo Salgado, continua a ser energica. Aquelle nosso collega tem recebido um grande numero de adhesões ao brado levantado por elle, e a subscripção que abriu, e de que já fallamos, nas suas columnas engrossa rapidamente. E assim que gostamos de ver lutar cada um pela causa a que se dedica.

A *Justiça Portuguesa* ergue a sua

vóz potente, desafiando os homens livres, levantando a liberdade do pensamento, a liberdade de consciencia, mostrando ao paiz o perigo de conservar no logar de auctoridades homens que defendem os jesuitas e que talvez estejam dentro do negro gremio. Diz que, se o cadaver fosse acompanhado com joias catholicas, entao a ave negra dar-lhe-ia o logar que lhe pertencia por direito civil.

A PROPOSITO DO BISPO DE COIMBRA
TRANCREVEMOS ALGUMAS ESTROPHAS DO PAMPHLETO—O BISPO
QUE GUILHERME BRAGA DEDICOU
AOS LIBERAES
PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

Das terras de Santa Cruz
A todos aquelles que n'essas regiões esmagaram denodadamente as viboras jesuiticas

Offerece este humilissimo testemunho d'adhesão ás suas ideias e de sympathia pelo seu esforço

GUILHERME BRAGA,
o condemnado auctor dos «Falsos Apostolos»

AO POVO INGENUO

Bem cedo, ó triste povo, ó pobre gente!
Bem cedo eu te hei de ver, em mágua absorto,
Ir, de joelhos, á capella ardente
Beijar os santos pés ao bispo morto...

No pó, na cinza, ó povo, á fronte roja,
Ao vér no esquite o Patriarcha austero...
Tu, que poizas na mão que te despoja
Mil ósculos d'amor crente e sincero!

Se elle houvesse o «direito do mais forte»
Arrastaria vergonhosa algema;
Vivo, odiou-te: a'óral-o na morte!
Derradeira abjeção! baixesa extrema!

Quando has de tu deixar as vis doutrinas,
As vis supersticies dos tempos velhos,
E fazer cathedras das officinas,
E procurar na Sciencia os Evangelhos?

Quando has de tu surgir, calcando arminhos,
Nos salues onde, altivos do seu «nada»,
Ri a mitra da croa dos espinhos,
E o sceptro inutil da prestante enxada?

Quando has de tu entrar na grande liça,
E, sacudindo o teu grilhão desfeito,
Dizer ao Padre: «Eu chamo-me a Justiça!»
Dizer ao Rei: «Eu chamo-me o Direito!»?

Succeda á farda a blusa; o ganho á esmola;
As armas do trabalho á carabina!
Onde estava a prisão surja uma escola,
E um theatro onde estava a guilhotina!

Da liberdade atalayando o asylo,
Sé magestoso e bom, sé grande e puro;
Toma, nas rijas mãos, bravo e tranquillo,
A sagrada bandeira do futuro!

É já longo o caminho do Calvario
Que trilhas, sob a cruz, ha tantos annos!...
Desfaz, quebra, estilhaça o teu rosario!
Calca, assoberba, esmaga os teus tyrannos!

N'este opusculo ha a seguinte advertencia scitillante ao

BISPO DO PARÁ

Embora sobre mim peze
O teu anthemia, ahi,
Eu, bispo d'outra diocese,
Tambem te excommungo a ti!

BAIRRADA

Começaram a ser tratadas por conta da commissão central phylloxerica do norte as nodos encontradas em algumas vinhas de proprietarios da Bairrada, que se mostravam remissos em tomar a seu cuidado o tratamento exigido pelas circumstancias em que a inspecção lhes encontrou os vinhedos. Condemnavel desleixo e incuria desmedida, que entrega a mãos estranhas o que devera merecer disvellada sollicitude propria!

Mal, muito mal, vão os vicultores da Bairrada, se imaginam que o governo toma a peito salvar-lhes as vinhas, e que a acção official ha de ficar eternamente ao seu serviço, como sentinella firme para prevenir os seus abandonos e os seus desleixos.

O illustre agronomo do districto com um pratico do Douro, que a commissão central pôz á sua disposição, anda abrindo os olhos aos incredulos e ensinando o caminho aos ignorantes. Oxalá que a peregrinação do illustre funcionario podesse, ao menos, inculir no animo do digno presidente da commissão districtal, que é um grande proprietario de vinhas na Bairrada, a imperiosa necessidade de convocar sem demora os agricultores da localidade para a projectada associção, ha tanto tempo reclamada e cuja ideia esta no limbo até agora.

Serão os trabalhos eleitoraes da proxima renovação dos logares camaraes que delongarão o projectado convite para a grande reunião dos vicultores da Bairrada?

Não sabemos, mas quer-nos parecer que a lista forjada em familia para a eleição que se avizinha, pouco tempo levaria a combinar tratando-se de se eleger umas mediocridades quaesquer, recommendadas por este ou aquelle influente que dispõe de meia duzia de votos a favor do candidato vitalicio, por cujo facto se julgam no direito de impôr como vereador o primeiro imbecil com pretensões a botar figura no synhedrio municipal.

—Os padres da Bairrada teem-se cansado a apregoar n'estes ultimos domingos, á hora da missa, a famosa romaria em que hoje toma parte n'essa cidade o reverendo bispo de Coimbra e os carolas de sua eleição.

Nunca vimos rebaixar tanto o sentimento religioso, como o estão fazendo actualmente alguns reverendissimos priores d'esta localidade. Até aqui arvorados em galopins eleitoraes, perseguiam os povos para votarem no candidato vitalicio do circulo, que não os accommodou todos em S. Bento quando fez a ultima eleição progressista, porque já não havia logar para tanto famulo; agora recommendam ao povo a romagem do bispo condz e vão feitos com a companhia do caminho de ferro para terem extracção os bilhetes do comboyo de recreio organizado para a patuscada d'Aveiro. Que ridiculas scenas, que miseraveis comparsas!...

CARTAS

Lisboa 26 de outubro

Com o bulicio da vida mundana de Lisboa aproxima-se a agitação, que já se começa a sentir, da vida politica. Os partidos preparam-se activamente para a luta, que promete sêr renhida e violenta n'este inverno. A voz d'alerta soa em todos os arraiaes. No campo republicano vae uma azafama, que anima e consola. Poucas vezes tenho visto os nossos correligionarios tão trabalhadores e activos.

Aperfeiçoa-se a obra democratica n'uma alegria intima, na satisfação indicativa dos crentes, que confiam no triumpho. Cortam-se attrictos, estabelecem-se aproximações, procuram-se elementos de valor, dão-se os ultimos retoques na organização interna do partido. No meio da bebedeira monarchica, d'este desvairamento nefasto sem guia, nem criterio, que se entrega aos azares da fortuna, ha hoje alguma cousa de sereno, de forte, de reflectido:— é a fracção grande e poderosa dos republicanos.

Estámos como os caçadores previdentes que procuram o melhor sitio e a melhor occasião de fusilar a presa inconsciente.

De espigardas á cara e mão no gatilho só esperámos o momento azado de atirar sobre a realza, e estámos convencidos de que não erraremos os tiros á voz de fogo.

A primeira escaramuça será a eleição municipal de 4 de novembro. Escaramuça ligeira, encontro de guardas avançadas, porque isto não vae a eleições. Ha-de ir a tiro, com a luta armada das ruas.

Perem enquanto não chega o dia da revolução, sempre é bom matar o tempo com eleições. E é bem possivel que se não mate muito mal!

A lista republicana, composta de verdadeiros talentos, de homens probos e honestos, desperta enthusiasmo em Lisboa. O povo, indignado com tantas infamias, volta os olhos para os republicanos e recebe contente os seus

actos. A nossa lista anda de bocca em bocca e corre a cidade por entre uma salva nutrida d'applausos. E' recebida com benevolencia pelos proprios burguezes e burocratas d'alto coturno, que são unanimes em tecer elogios aos nomes que a compoem. Depois a irritação dos homens honestos, que formam o grupo importante dos indifferentes, augmenta-nos as probabilidades de triumpho.

A's indignidades do Theophilo Ferreira e quejandos niuguem resiste e por isso espera-se que a urna seja este anno muito concorrida.

A batalha que se fere em Lisboa entre republicanos e monarchicos, é a batalha da honra contra a infamia, da honestidade contra a corrupção, do pudor contra a immoralidade. Quem pode duvidar do triumpho? Ai da capital do paiz se não se protesta, ao menos, por uma grandissima votação contra as torpezas do poder! Este tem, incontestavelmente, poderosissimos recursos, um dos quaes, o maior de todos, é a propria corrupção. Não lhe falta dinheiro, não lhe falta a galopinagem não lhe falta o auxilio da gente official, que representa só por si milhares de votos.

Tanto melhor para a significação do triumpho do povo ou para o seu grandioso protesto.

—Que vos direi da ultima crise? Pouco, para não redopiar em volta das apreciações já feitas pelos jornaes republicanos, com as quaes concordo perfeitamente. Uma miseria com que nada temos.

Que faz agora o deputado por esse circulo? Um ratão, o sr. Dias Ferreira! Berrou e vociferou por reformas politicas para no fim de tantas berratas e cantatas se lançar nos braços dos regeneradores. Adeus reformas liberaes!!!

Mas tudo isso era d'esperar d'este sr. Dias Ferreira, um cynico que se importa mais com as riquezas do que com a politica. O sr. Dias Ferreira, na minha opinião de sempre, não tem principios nem convicções. Nem é liberal, nem é retrogrado, nem é monarchico, nem é republicano, ou antes é tudo segundo as circumstancias.

Como a maioria do paiz é liberal tambem elle é liberal, assim como seria jesuita se ella amanhã tambem fosse jesuita. Era constituinte e é hoje regenerador pela força das circumstancias. Do mesmo modo é hoje monarchico por conveniencias e por conveniencias será amanhã republicano.

Sua ex.ª não foi agora ao ministerio, mas preparou o terreno para isso, Encaixou lá o sr. Chagas e o sr. Aguiar, para que os dois ponham o Fomes fora mais tarde e elle entre para a presidencia. Veremos se isto acontece, ou não, dando-se demais a mais o facto do deputado por Aveiro sêr actualmente o valido d'um augusto personagem.

E' o que dizia hoje o *Diario Popular*, e o *Diario Popular* sabe o que diz. Quem será, todavia, esse augusto personagem? Não pode sêr outro senão o principe D. Carlos.

Isso é que ha de ter graça. Se os progressistas andavam a elogiar o principe, reclamando a coroa para o menino, e elle agora lhe apparece com validos á laia do pae, ha de sêr da gente morrer com riso. Esperemos os acontecimentos. Finalmente, a crise representa em ultimo caso o triumpho da immoralidade com os devassos Lopo Vaz e Barjona de Freitas.

Torpezas sobre torpezas. Y

Porto 25 de outubro

Dous factos importantes para a historia do partido republicano do Porto. São elles os seguintes: a inauguração das escholae de instrução primaria da freguezia da Victoria e a apresentação de uma lista republicana para as proximas eleições.

A inauguração das escholae tem a maxima importancia porque foi uma festa genuinamente republicana. A junta de parochia d'aquella freguezia é composta na sua maioria de republicanos; foi ella que organizou as escholae, montando-as de modo tão completo que não ha hoje no Porto outras que se lhe possam comparar. Eis como a *Actualidade* fallia d'esta solemnidade:

«No domingo, como noticiáramos, inauguraram-se solemnemente as escholae de ensino primario da freguezia da Victoria.

Presidiu a esta sympathica festa o sr. dr. Correia de Barros, que fallou acerca das vantagens da instrução, discursando depois o reverendo abba da freguezia, e os srs. José Victorino, professor de Miragaia, Simões Lopes e dr. Alves da Veiga.

Este cavalheiro fez um bello discurso, que foi muito victoriado pelas pessoas presentes e de que vamos fazer um resumido extracto:

Depois de agradecer o convite que lhe fora feito para assistir áquella sympathica solemnidade, disse que n'um paiz onde os negocios de instrução corriam tão descurados, era caso para os amantes do progresso popular se felicitem, e encontrarem uma corporação administrativa que olhava para as escholae com tanto zelo como a junta parochial da Victoria. Que n'aquellas festas é que estava affirmada a vitalidade da nação, em nome da qual saudava os homens que tinham fé no seu futuro.

O orador desenvolveu em seguida largamente esta these: que o homem é naturalmente progressivo; naturalmente propenso para o bem. E a proposito do assumpto traçou o quadro grandioso dos progressos humanos na ordem moral e material, na arte, na litteratura, na legislação, na politica, na sciencia e na industria. Sendo o homem naturalmente perfectivel, naturalmente propenso para o bem, só pela ignorancia tinham explicação as resistencias que em todos os tempos encontravam as ideias novas, as descobertas dos sabios e as revelações dos pensadores originaes. Aqui o orador fez a synthese dos martyrios dos grandes apóstolos do progresso humano, fallando de Socrates, de Demosthenes, Cicero, de S. Paulo, de Jordano Bruno de Pedro Ramos, de Galileu e de muitas outras victimas que se sacrificaram pelas suas ideias pelas suas creanças.

O sr. dr. Alves da Veiga mostrou em seguida que Portugal foi um dos paizes europeus mais duramente castigados pela ignorancia e pelo fanatismo religioso, fallando da nossa grandeza maritima e colonial d'outras eras, inteiramente perdidas graças á influencia d'aquelles dous elementos de decadencia.

Lamentou o estado em que se encontra ainda hoje a instrução do paiz cuja independencia e autonomia lhe não parece possam sustentar-se senão reformando e vigorizando o espirito nacional por meio de novas instituições, de novos sentimentos, de novas creanças. Referiu-se á sorte dos grandes imperios e das pequenas nações, mostrando como muitas d'estas sobrelevaram áquellas em duração e influencia nos destinos da civilisação.

Apontou algumas reformas que se lhe affigiram de necessidade introduzirem-se no ensino primario, como são o ensino elementar das sciencias economicas e do direito usual, que habilitam o individuo a conhecer as noções elementares do trabalho, do capital, da propriedade e a constituição do paiz. Corroborou á vantagem d'estes estudos com os resultados obtidos lá fóra, sobre tudo nos Estados-Unidos, a cuja iniciativa, civilisação e genio empreendedor teem rasgados elogios.

Por fim evidenciou os serviços prestados ás escholae da Victoria pela actual junta de parochia, terminando por pedir aos seus membros que continuassem a trabalhar com a mesma fé na obra da instrução popular.

Este discurso durou tres quartos de hora, obtendo o orador uma entusiastica ovação ao terminar.

—O partido republicano resolveu entrar nas eleições para a renovação dos corpos administrativos, e para esse fim organizou uma lista composta de 16 cavalheiros respeitaveis. Bem pôde affirmar-se que é o que o Porto conta de melhor pela capacidade intelectual, pela honestidade e elevação de caracteres.

E' a melhor resposta que se pôde dar áquelles que accusam o partido republicano de não ter homens. Vejam-se essas listas dos centros de Lisboa e do Porto. Muitas outras se poderiam formar nas provincias, caso os republicanos resolvessem dar batalhas em todas as localidades.

Devo declarar-lhe que todos os individuos que compoem a lista do centro eleitoral republicano do Porto foram previamente consultados e todos elles acceitaram e consentiram na sua inscri-

são. Todos elles são republicanos, esclarecidos, filiados n'aquelle centro. Os seus nomes são os seguintes:

- CAMARA MUNICIPAL
EFFECTIVOS
José Joaquim Rodrigues de Freitas, lente da Academia Polytechnica.
Joaquim Pedro de Oliveira Martins, da Academia das Sciencias, e director do caminho de ferro da Povo de Varzim.
Dr. Augusto Manoel Alves da Veiga, advogado.
Joaquim José Marques Marinho, proprietario.
Joaquim Bessa de Carvalho, proprietario.

- SUPPLENTES
Antonio Machado da Silva, industrial, dono da fabrica de tabacos Liberdade.
Francisco Vieira França, negociante.
Antonio Joaquim Salgado Lencart, pharmaceutico.
Marinho José de Mattos Portella, negociante.
José Antonio Lopes da Silva, pharmaceutico, e director da Companhia Pharmaceutica.

JUNTA GERAL DO DISTRICTO

- EFFECTIVOS
Dr. Candido Augusto Correia de Pinho, lente da Eschola Medica.
Dr. Julio de Mattos, medico, e director do Hospital dos Alienados.
Joaquim Duarte Moreira de Sousa, engenheiro, e professor de mathematica do Lyceu do Porto.

SUPPLENTES

- Dr. José Dias d'Almeida Junior, medico.
Dr. Manoel Teixeira, proprietario.
Emygdio d'Oliveira, jornalista, e sympathico Spada da Folha Nova e do Seculo.
Espera-se que esta lista tenha uma votação honrosa.

NOTICIARIO

O Povo de Aveiro verberou energeticamente o procedimento infame das autoridades d'esta terra no caso succedido com o cadaver de Jeronymo Salgado. Levou o facto até ás ultimas consequências, e alguma cousa conseguiu com a sua attitude.

O ex-ministro do reino fez acabar o muro dos cemiterios. Assim o ordenou em circulares aos governadores civis, que a ultima crise talvez haja impedido de chegarem ao seu destino. Se tal acontecer esperámos que o sr. Barjona de Freitas as expeça sem demora, porque das nossas informações, que temos por verdadeiras, consta que foram escriptas no ministerio respectivo na vespera da sahida do sr. Thomaz Ribeiro.

Quanto ao resto, creiam o sr. Valle Guimarães e o sr. Mendes Leite que nunca esqueceremos a sua conducta. Se até certo ponto fomos seus inimigos attentos, de hoje em diante podem-nos contar no numero d'os seus inimigos irreconciliaveis, fidaes e eternos.

Não sabemos se n'essa infeliz questão deixamos d'ajustar contas com algum. Ou sim ou não, sempre é tempo d'averiguar responsabilidades.

O nosso amavel revisor terminou o artigo de fundo do ultimo numero do nosso jornal com as palavras Requiescat in pace, em logar de Requiescat in pace.

Os leitores comprehenderão que estes e outros disparates são da culpa do revisor.

Na segunda-feira, pelas 4 horas e meia da madrugada, o brigue francez Courier, tendo-se aproximado de mais da nossa costa, naufragou no sitio denominado Senhora da Capella proximo da antiga barra da Vagueir.

tar o perigo para salvar o barco e as vidas, já o não poderam fazer, porque o navio estava sobre o banco, e por isso completamente perdido.

O brigue vinha de Lisboa com carregamento de sal destinado a Grandeville.

A tripulação do Courier era composta de seis pessoas, das quaes receberam, batidas pelo mar de encontro á amurada do navio, o capitão J. Panier, um marinheiro e um moço.

O resto da tripulação salvou-se em virtude de ter fugido para as enxarcas, onde se conservou até á hora da vasarte, ocasião em que se lançou a nado em direcção á costa, onde felizmente conseguiu chegar.

Passado pouco tempo o brigue desfez-se completamente, não sendo possível salvar-se nem as bagagens dos tripulantes.

Os empregados da alfandega, apenas tiveram conhecimento do naufragio, dirigiram-se immediatamente para o logar do sinistro.

a realização do nosso fim—A completa liberdade da humanidade!

No dia 22 do corrente, deu entrada na cadeia d'esta cidade, um meliante qualquer subdito hespanhol, que furtou a um lavrador, na feira da Oliveirinha, a quantia de 99\$000 reis, producto da venda de gado. O larapio assim que se vio pilhado, deitou fora o dinheiro furtado, mas com tanta infelicidade, que não o fez sem que fosse presenciado por testemunhas. Preso e entregue ao regedor da parochia, foi immediatamente remittido para Aveiro, indo a perguntas ao tribunal judicial no dia 23.

Na revista que lhe passaram, foram-lhe encontrados, alem de 48\$000 reis em uma bolsa de prata, um par de thesouras d'alfaiate.

A autoridade procede contra o criminoso.

COMMUNICADO

Sr. redactor

Pretendendo responder ao communicado, incerto no seu acreditado jornal, sobre a pendencia occorrida em Pecegueiro entre as duas phylarmonicas d'este concelho, appareceram em n.º 1204 do «Districto de Aveiro» meia duzia de notecidades, firmadas pelo sr. Antonio Francisco Tavares, a quem eu, na qualidade de director da phylarmonica de Sever, não posso deixar d'aplicar um bem merecido correctivo.

O sr. Tavares... Mas antes de proseguir convem advertir que ha na phylarmonica de Pecegueiro dous Tavares.—Antonio Francisco e Manuel Maria, ambos igualmente «illustres» nos fastos d'aquella sociedade, todavia, por hoje, refiro-me apenas ao Tavares—Antonio Francisco.

O sr. Tavares, posto que possua um pronunciado engenho musico, não pode considerar-se um «maestro» de sorte que dispense a sua apresentação ao publico, e, já que o não fez, vou remediar esta falta. O sr. Tavares é o director e (segundo diz a familia) o mestre da sua phylarmonica.

Dada esta explicação, que o signatario do communicado da folha regeneradora occultou, talvez por falta de... modestia, passemos adiante.

Posto que não firmei o communicado do «Povo d'Aveiro» tomo a inteira responsabilidade de tudo quanto n'elle se disse, por tanto, basta isto, para desde já ficar consignado um protesto de mais solemne desmentido ás affirmações do sr. Tavares.

Que o «mestre» da musica de Pecegueiro mente descaradamente podia eu provar com o testemunho dos proprios festeiros e d'outras pessoas insuspeitas, mas, para quem lhe conhecer o character, não se torna isso necessario. O sr. Tavares mesmo não está convencido do que afirma, porque, se o estivesse, era merecedor de que se lhe applicasse uma certa correção, que lhe seria, de futuro, muito proveitosa.

Podia ficar por aqui, mas permitta-me, sr. redactor, que toque alguns pontos do famigerado communicado.

Diz o sr. Tavares que era a phylarmonica de Pecegueiro a quem estava recommendada a festa da igreja. Esta asserção é falsissima, e só um parvo ou uma creança é que a affirmaria.

Se eu pretendesse usurpar funções reservadas á phylarmonica de Pecegueiro, teria para isso preferido duas festas na freguezia de Silva-Escura, onde concorri com o sr. Tavares, porque n'esta freguezia tinha certo o apoio dos meus conterraneos, o que não succedia em Pecegueiro naturalidade do sr. Tavares.

Vé pois, sr. redactor, que a affirmação do sr. Tavares cabe pela base. Bem sei que doe ao «mestre» da phylarmonica de Pecegueiro o ter eu sido preferido, na terra d'elle, para fazer a festa da igreja, mas que tenha paciencia, por que eu tambem não levei a mal que elle fosse preferido na minha terra.

A lagrima é livre mas o que não é livre é insultar-me e aos meus companheiros.

Bem sei que não devo fazer caso dos annos mal disfarçados de creanças rabugentas, mas as insolencias devem sempre repellar-se seja qual fór a sua proveniencia.

E falla o sr. Tavares na falta de delicadesa da minha phylarmonica com ares de quem não conhece o que lhe vae por casa!

Que pastosa ingenuidade! Pois não se lembra da maneira vergonhosa como procedeu em Cedrim para com a phylarmonica d'Oliveira de Frades?

Já ouviu dizer que a minha phylarmonica fosse grosseira e malcreada para com outras, com quem tem concorrido a diversas festividades?

Não fui eu muito benevolo para consigo nas festas de Silva-Escura e de Dornellas? Quem foi a provocadora em Pecegueiro, foi a phylarmonica de Sever, que estava tocando no arraial, ou a de Pecegueiro que a veio perturbar, tocando ao mesmo tempo e na mesma occasião uma peça de musica diferente?

Tambem não deixa de ter graça a parte do communicado, que se refere á autoridade policial de Pecegueiro.

Salvo o muito respeito para com a pes-

soa do sr. Bastos, posso afirmar que elle como regedor não cumpriu o seu dever em Pecegueiro, assim como tambem creio que elle poucas vezes o tem cumpriu.

Em quanto á pendencia do dia 8 de setembro, com certeza o não cumpriu, porque, em vez d'intimar a phylarmonica de Pecegueiro para não tocar, emquanto a de Sever não terminasse a sua peça, apoiou o procedimento d'aquella, sem receiar as consequencias.

Em Cedrim não teve resultados graves a pendencia com a phylarmonica d'Oliveira de Frades, o que se deve á prudencia d'esta, porque a respeito d'authoridades... era uma vez.

Elogie as autoridades, sr. Tavares, que tem rigorosa obrigação para isso: servem os seus intentos, por isso cumpre apenas um dever de gratidão.

Termino aqui, sr. redactor, não porque não tenha mais que dizer, mas porque já tenho abusado muito da sua benevolencia; protesto, porem, continuar, se V. m'o permittir, e se o sr. Tavares ousar bulir mais n'esta questão.

Sever do Vouga, 5 d'outubro de 1883.

De V. etc.

José Rodrigues da Costa Carvalheira.

ANNUNCIOS SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS



GARANTIA POSITIVA E ILLIMITADA

DE LANÇADEIRA OSCILLANTE

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semeaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79

pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

Novidade litteraria

ONDEANTES

(primeiros versos)

POR ALBERTO BESSA

COM este titulo apparece brevemente á luz, um volume de versos, constituindo a estreia litteraria do auctor.

Será impresso primorosamente em BLOU, a duas cores, e em papel superior.

PREÇOS

Por assignatura.....200 réis

Avulso.....240 »

Assigna-se n'esta redacção.

Vinho de Bucellas

No Restaurante do THEATRO AVEIRENSE, que se acha aberto todos os dias, das 3 horas da tarde até á meia noute encontram-se á venda, alem de outras bebidas, excellentes vinhos do Porto e de Bucellas, sendo estes antigos, e pertencentes á Quinta da Romeira, propriedade que foi do fallecido sr. Marquez de Castello Melhor.

Tem tambem á venda tabacos das principaes fabricas, doce e outros artigos. Preços Commodos.

AS GUERRAS

DE

NAPOLEÃO 1.º

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

Obra Premiada Pela Academia Franceza—Um Fasciculo Semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 réis—Assigna-se no escriptorio da Empreza de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66—Porto, e em todas as livrarias e Kiosques.

Accetam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4---Largo da Apresentação---6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

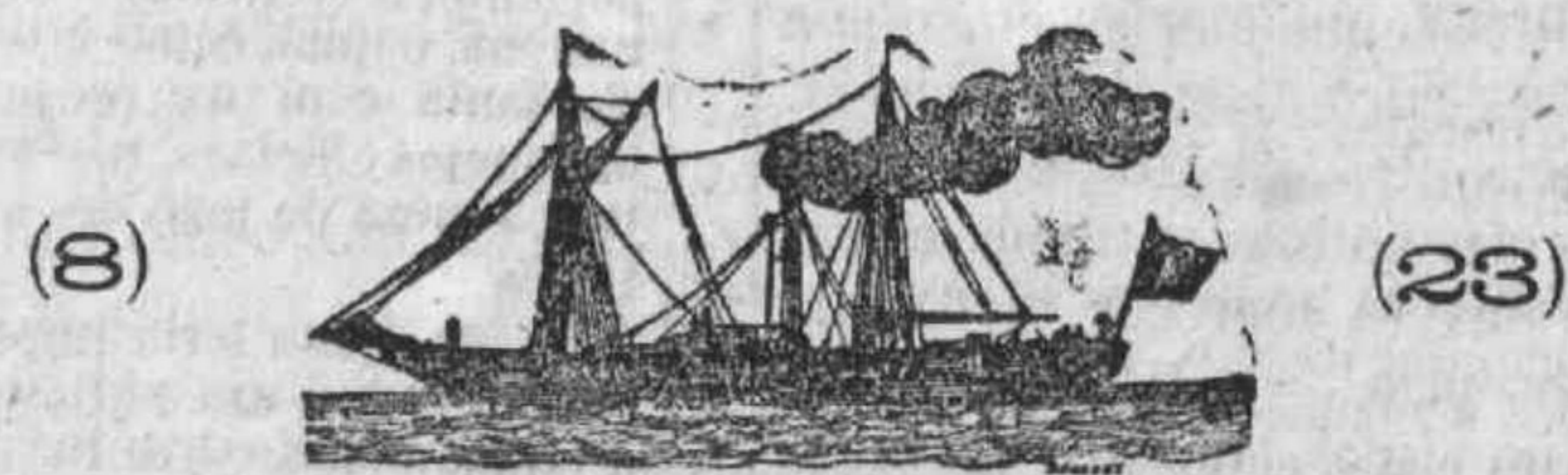
COIMBRA

Table with columns for BOLACHA and BISCOUTOS, listing various products and prices in Kilo and RS.

COMPANHIA

DAS

Messageries Maritimes



A Empreza promotora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa:—GERONDE em 23 de outubro Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres. CONGO em 8 de novembro, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideu e Bueno Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commun para os sr. passageiros de 2.ª. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48 —RUA DE JOSÉ ESTEVAM—50

Chega hoje a esta cidade o distincto escriptor e nosso presadissimo amigo, o exm.º sr. Alexandre da Conceição, um dos principaes vultos do partido republicano.

S. ex.ª vem na companhia do notabilissimo artista, o sr. Bordallo Pinheiro.

Apparece hoje em Lisboa O Corsario, jornal republicano. O novo collega promette ser um valente e arrojado campeão das ideias republicanas e um inimigo audaz da corrupção monarchica que impera no nosso paiz.

Desejamos ao collega todas as felicidades humanamente possiveis.

A'vante pela Republica!

SUBSCRIPÇÃO

PARA O MONUMENTO DE

JOSÉ ESTEVAM

Subscription list table with names and amounts.

A cidade de Aveiro é hoje honrada com a visita do talentoso e insigne artista Bordallo Pinheiro.

O prodigioso e notavel caricaturista vem expressamente visitar os seus amigos, e aproveita a occasião para vér de perto os peregrinos de Coimbra, que veem a esta cidade em romaria, offerecer á Senhora do Rozario o fanatismo do liberal antistite conimbriense.

Bordallo Pinheiro, sem temer as escommunhões da igreja, vem prevenido com o seu prodigioso crayon, para flagellar o liberal gigante e seus satellites.

Esperamos anciosos pelo Antonio Maria, para poder-mos, mais uma vez, admirar as brilhantes caricaturas de Bordallo.

A romaria burlesca, deve ser uma pagina esplendida! O lapis do insigne artista, se encarregará de descrever a scena ridicula a que hoje vamos assistir.

O Povo de Aveiro, envia uma saudação fraternal ao grande genio.

Hurrah! por Bordallo Pinheiro! Salve! protentoso artista!

No dia 25 do corrente, casou civilmente na administração do bairro oriental em Lisboa, o sr. Manuel Baptista Ferreira com a sr. D. Emilia Martins Oleiro.

A padralhada vae perdendo terreno e as nossas ideias caminham para